

Evocando a João Pinheiro, nesta data natalícia — quando o nosso commum berço serrano também hoje recorda e pranteia com saudade o querido extinto — temos ainda a escurentar-nos a memoria aquella pungente agonia do grande morto da madrugada de 25 de Outubro de 1908, no então sombrio Palacio da Liberdade, em Belo Horizonte. E vem-nos á lembrança este verso de suave poetiza lusitana:

“Vinha surgindo no horizonte o dia,  
Alagara-se em luz o azul do céu.  
Cantava pelo espaço a cotovia...  
Foi então, foi então que elle morreo!”

NOTA: — Foi escripto no Rio, em 16-XII-927, pelo Prof. Nelson de Senna (então deputado federal pelo Estado de Minas Geraes) e publicado em edição do matutino carioca “O Paiz”, dessa data, o artigo ora aqui reproduzido.

## Aspectos typicos do Brasil

(Nas varias regiões e através dos Estados brasileiros)

(Synthese de caracter geographico-historico)

Costumes, typos, características especiaes marcam, assignam e destacam os diversos Estados e principaes regiões geographicas do Brasil. Bastam um traço physico, uma individualidade, um episodio historico, um *llque*, uma lenda ou usança, um producto ou uma industria, um nome local, e eis desde logo fixada e gravada na retina determinada região brasileira.

Quem fala no ACRE — tem de se lembrar logo de bolivianos e peruanos fronteiriços; do Purús e do Juruá; de Plácido de Castro e do General Thaumaturgo e de Senna Madureira; de seringaes e *lgarapés*, de *cabóculos* e *lupirys*; do *cáucho*, do *ernamby* e da castanha; de “gaiolas” e “paroúras” e ainda do extranho nome de uma cidade acreana — Bólpébra — que resume em anagrama os tres paizes limitrophes (Bolivia, Peru, Brasil), nesse Territorio federal opulento, que domina o longinquo Noroeste da Patria.

Passemos a falar de ALAGÓAS — que é para todos a terra do “sururú”, dos mariscos e petisqueiras gostósas, no seo porto de Jaraguá (vestibulo citadino de Maceló); e lá, nos baixios da foz do Coruripe, os *Caelés*, gentio bravo do seculo dezeseis, devorando num festim de canibae o primeiro Bispo do Brasil, Dom Pedro Sardinha; e seculos afóra, depois disso, os *quillombos* de *Palmares* e o seo chefe *Zumbi* deram que fazer aos *mamelucos*, aos “bandeirantes” e forças lusas, que afinal os exterminaram, nas faldas da Serra da Barriga; e mais tarde veio a se constituir em provincia a terra alagoana, donde nos vem excellente ambar de sua costa maritima, como della também sahiram o historiador Mello Moraes, o Visconde de Sinimbu’ e os dois primeiros Presidentes da Republica, Deodoro e Floriano (pois que Alagóas se ufana de ser o “ninho dos Marechaes”): sendo digno de menção que o mais brasileiro dos nossos rios, o São Francisco, — verdadeiro mediterraneo fluvial — fórma nesse Estado nortista o seo

malor potencial de força hydraulica, a Cachoeira formidável de "Paulo Affonso", indo desembocar em largo delta no Oceano, abaixo de Penêdo, segunda cidade alagoana e berço do grande diplomata, que teve o título de Barão de sua terra natal.

Subamos pela costa até a sua extrema septentrional e veremos o AMAPA', a nos recordar logo o Contestado franco-brasileiro e o ephemero dominio que já tivemos na Guyana Franceza, governando-a então Maciel da Costa (depois Marquez de Queluz); e ainda o ouro de Calsoene, o Cunany, o Oyapock (Joaquim Caetano e Barão do Rio Branco); os "balataes", a essencia de páo rosa, os nêgros garimpeiros do Cassiporé e os evadidos de Cayena; a bravura de Veiga Cabral, a Clevelandia...

Quando evocamos o AMAZONAS — o maior Estado, em territorio, dentro da Patria Brasileira — nos vêm logo á mente a "Amazonia mysteriosa" (Gastão Cruis) e a "Planicie amazonica" (Raymundo de Moraes); é o paraizo da *Hevea* (gomma elastica), essa terra que empolgou sabios estrangeiros (Bates e Wallace) e grandes escriptores nacionaes (Alberto Rangel e Euclides); é o "Inferno verde" das florestas emmaranhadas, essa terra do rio-mar; das *Yaras*, *pussangas* e "pagélanças"; do *pirurucú* e da *jarina* (marfim vegetal); da *paxtúba* e da saborosa *tnajá*; berço do valente *Ajuricaba*, a nos recordai ainda o reino de Manóa, as lendas do *Eldorado* e das *Icamiabas* ("amazônas" aguerridas do Novo Mundo); onde vivem os cabôclos fortes e os "regalões" andejos que, nas "montarias" de suas *ubás* e *igarras*, percorrem o labyrintho das aguas, naquella rêde mesopotamica de que é o eixo o *Solimões* — em primeiro atravessado pelo audacioso *ralá* fluvial de Pedro Teixeira; terra do guaraná de Maués e do *Manaty* (o peixe-boi); com a "Barra do Rio Negro", que nos evoca a *Barélandia*, em cujos dominios se erigio a moderna Manóas, ficando-lhe perto a sua tão afamada e calumniada Ilha de Mataparâ; e ainda, todo aquelle scenario amazonico, que abrigou a "Mãe-tapuia", a "mãe-d'agua", a *Boyána* e onde nasceram Tenreiro Aranha, Torquato Tapajós e os Nerys...

Si nos voltamos para o ARAGUAYA — que o futuro transformará numa vasta Provincia — todo um "mundão" maravilhoso de riquezas e scenarios naturaes se nos apresenta, nesse *hinterland* brasileiro quasi virgem e desconhecido; *tabas* e *malôcas*, campos e mattas; as audaciosas empresas de Rufino Segurado e do General Couto de Magalhães; a maior ilha fluvial do globo (Bananal), em aguas Tocantinas; conchas perliíferas, bugres mansos e bravos, missionarios e garimpeiros, por aquelles sertões araguayanos que não acabam mais,

banhados por "aguas emendadas" que ligam o extremo Norte e as terras meridionaes brasileiras, através de contactos hydrographicos das bacias Amazonica e Platina, permittindo a navegação fluvial interna do extremo Septentrião ao extremo Sul do territorio brasileiro.

Saltemos para a BAHIA — berço de *Paraguassú* e de *Moêma*, com as lendarias figuras de *Caramurú* e de *Roberto Dias*—e nos vem logo a lembrança da "bôa-terra", da "mulata velha", com seus *quitutes* e *vatapás*; a agua de "côco da Bahia" e o azeite *dendê*; a pimenta e a cangica de *munguzá*; as "pretas-Minas" e os nêgros Gêges e Nagôs; as *macumbas* e *candomblés*; a Cidade-Alta e a Cidade-Baixa; as laranjas do Cabúla, a riqueza agricola do Recôncavo, as fontes do Cipó; a Torre do radio de Amaralina; a Ilha historica de Itaparica; a Casa da Torre de Garcia de Avila; os herôes de Cachoeira e Pirajá, João das Bótas e os "Couraças"; o Monumento Dous-de-Julho, o velho "Parafuso", o Plano Inclinado e as 300 egrejas da cidade do Salvador (*Soterópolis*); as "carneiradas" do São Francisco, Bom Jesus da Lapa, as "pancadas" dos *pirajás*; as areias monazíticas, os schistos de Marahu', os charutos de São Felix e Cachoeira; a figura de Antonio Conselheiro e a tragedia de Canudos; o "carbonado" ou diamante nêgro das minas do Sincorá, o cacáo de Ilhéos, a salsa do Baixo Jequitinhonha; seus oradores notaveis e os grandes estadistas do Imperio — Abrantes, Zacharias, Fernandes da Cunha, Dantas, Saraiva, Cotegype — e ainda Ruy, "aguia de Haya", Manoel Victorino, Agrario de Menezes, Castro Alves (a poesia condoreira do "navio negreiro"); e a tradicional eloquencia e "bairrismo" dos bahianos, sempre ciosos do seu torrão — "berço da nacionalidade", guardando em seu territorio os locais historicos do Descobrimento do Brasil pela Armada Cabralina (o Monte-Paschoal e Porto-Seguro).

Desçamos a BELLO HORIZONTE: é MINAS GERAES remoçada, a hospitalidade montanheza, o caracter conservador dos Mineiros, fieis ao culto da Democracia; centro de brasilidade, no "coração de ouro em peito de ferro", dentro das serranias centraes; é o paiz das "Minas dos Cataguás", relembrando Fernão Dias (o "caçador de esmeraldas"), o Conde de Assumar, Felipe dos Santos e Tiradentes, a Guerra dos Emboabas e a Rebelião de 1842, a Inconfidencia e os poetas da Arcadia de Villa Rica; é o amor ás humanidades e á instrucção, no bisecular Seminario Marianense, nos Collegios centenarios do Caraca, de Campo Bello e de Congonhas, na Escola de Minas, na Universidade e no Instituto "João Pinheiro"; são os amores de Gonzaga e Marília, o casal desditoso de Alvarenga e Barbara Heliodora, as lendas do Chico-Rêi e do Padre Arruda; os nababos coloniaes, como o

Padre Guilherme Pompéo, em Sabará, os Contractadores dos diamantes, Felisberto Caldeira e o desembargador João Fernandes, no arraial do Tejuco, e o Barão de Calas Altas, em Gongo-Sôco; os vultos de Mariano Procopio e Theophilo Ottoni, creadores de cidades, de colonias e de estradas de comunicação com o litoral; os Santuarios de Congonhas e da Piedade, o Aljube do Clero, o Recolhimento de Macahubas, os maravilhosos templos, ricos de alfaias, ouro e prataria, attestando a fé catholica em Minas Geraes — a "Bretanha brasileira"; são as nascentes e caudões dos rios Paraná e São Francisco, este com os seus "barranqueiros"; as jazidas sidéricas de Itabira (no Cauê) e as aguas mineraes do valle do Rio-Verde, nas apraziveis estancias de Cambuquira, Caxambu, Lambary e São Lourenço; são ainda o Itacomy e os Itambés do Serro e de Matto Dentro; os pinçaros das Agulhas Negras no Itatiaya e do Caparaó; a serra da Mantiqueira, as curiosas grutas e cavernas do valle do Rio das Velhas, tão ricas em *fósseis* quanto o é a afamadissima Lapa do Maquiné; a opulenta Uberaba, na *Zebulandia* do Triangulo Mineiro, os balnearios de Araxá e as thermas de Poços de Caldas; Barbacena-a saudavel "Princeza dos Campos" e Juiz de Fora — a "*Manchester Mineira*" do Parahybuna; o leite, a manteiga, os crêmes, os queijos e o toucinho mineiros; o ferro guza do Gaya, de Rio Acima, de Morro-Grande, de Caeté, de Monlevade, de Gagé; o manganez do Mórro-da-Mina, da Agua-Prêta e de Santa Mathilde, as Usinas Esperança e Wigg; as gêmmas preciosas do Arassuahy e Mucury, as lavras auríferas de quasi toda a terra de Minas; os garimpos e "datas" diamantinas, do Jequitinhonha, do Abaeté, da Bagagem; o "estouro da bolada", as estradas linehreas dos "geralistas", os caminhos sertanejos batidos de tropas; os levantes e molins da "Terra do Ouro"; as admiraveis rodovias do Cipó, da "União e Industria", esta incluída na grande estrada Bello Horizonte-Rio de Janeiro; o aspecto inconfundivel das villas e cidades coloniaes (São João e São José d'El-Rey, Ouro-Preto, Mariana, Pitanguy, Serro, Caethé, Campanha, Baependy, Paracatu, Diamantina, Sabará); o genial invento de Santos Dumont (o rei dos ares); o valor de seus grandes engenheiros e constructores (Christiano Ottoni, Teixeira Soares, Pedro Versiani, Francisco Lobo e Costa Senna, um sabio); a mina ingleza do Morro Velho, a Siderurgica Belgo-Mineira; a Lagôa Santa (o sabio Lund); egrejas e esculpturas sacras (o "Alejandinho"); os diplomatas que deo ao Brasil (Marquez de Barbacena, Conselheiro Rocha, Visconde de Itajubá, Gastão da Cunha, David Campista); os notaveis estadistas (Marquez de Baependy, de Abaeté, do Paraná e do Sapucahy; Viscondes de Caethé, de Ouro Preto e de Assis

Martins; Conselheiros Bernardo de Vasconcellos e Francisco Diogo, Lafayette e Martinho Campos, Paula Candido e Fernandes Torres, Cesario Alvim, Affonso Penna e Matta Machado; João Pinheiro e João Luiz Alves, Bias Fortes e Sabino Barroso, Americo e Fernando Lobo, Silviano Brandão e Raul Soares, Olyntho e Francisco Sá); os seus historiadores (Conego Marinho, Felicio dos Santos, Xavier da Veiga, Diogo de Vasconcellos); os poetas e romancistas, publicistas e prosadores (Claudio, Gonzaga, os Alvarengas, Basilio da Gama, Frei Santa Rita Durão, Bernardo Guimarães, Aureliano Lessa, Perdigão Malheiro, Corrêa de Almeida, Alphonsus, Arinos, Arthur Lobo, Pedro Lessa, Augusto de Lima e Affonso Celso); os grandes prelados catholicos (Dom Viçoso, Dom João dos Santos, Dom Silverio Gomes Pimenta, Dom Joaquim Silverio de Souza); as velhas familias historicas, tão ricas de filhos illustres: os Ottonis, os Veigas, os Vasconcellos, os Buenos, os Pennas, os Mello-Franco, os Alves Macieis, os Andradas, os Alvins, os Campos, os Figueiredos, os Freires, os Belins, os Carneiros, os Camaras, os Pinto-Coelhos, os Paes Lemes, os Felicios-dos-Santos, os Hortas, os Torres, os Mayrinka, os Avilas, os Lôbos, os Brandões, os Toledos, os Oliveiras, os Sús, os Viannas, os Almeidas, os Alvarengas, os Lages, os Chagas, os Fonsecaes, os Pires, os Carvalhos, os Valladões, os Teixeira Leite, os Fortes, os Dias-Ferraz, os Bittencourt, os Mirandas, os Borges, os Camargos, os Caldeiras, os Rezendes, os Soares, os Gomes, os Viégas, os Monteiros, os Ribeiro da Luz, os Martins, os Machados, os Pinheiros, os Pimentas, os Rabellos, os Pontes, os Meirelles, os Ribeiros, os Furtados, os Penidos, os Drumonds, os Monteiros-de-Barros, os Sennas, os Cerqueiras, os Limas, os Guimarães, os Rochas, os Barbosas, os Dutras, os Junqueiras, os Mascarenhas, os Mattos, os Cobras, os Lessas, os Tostes, os Peixotos, os Peireiras, os Sanches, os Viotti, os Brants, os Côrtes, os Botelhos, os Valladares, os Magalhães, os Coelhos, os Martins, os Noronhas, os Vidões, os Lobatos, os Costas, os Cunhas, os Galvões, os Oliveiras, os Azeredos, os Nogueiras, os Caçados, os Castros, os Vellosoes, os Versiani, os Vieiras, os Abrêus...

Eis deante de nós o CEARA' — terra de Iracema e de Alencar, berço de poetas e romancistas, de chronistas e geographos, de lidadores e guerrilheiros; terra de sol e soffrimento, com as séccas periodicas, os "verdes mares bravios", as jandaias e os "retirantes"; o Jaguaribe, a Urubu'retama, a Ibiapába, o Crato, o Cariry e a Borborêma; a cajuina, a rêde de burity, a cera de *carnau'ba* e o *jabá* (carne de sol); o apêgo ao sólo natal e a energia do cearense (o "japonez brasileiro"); o accidentado desembarque no porto de Fortaleza; o

Padre Cicero e o Hórto de Joazeiro; o açude do Quixadá e os sertões da "secca brava"; as rendas de bilro e o vento "aracaty"; Bom Jesus do Canindé; os Acciolls, o general Tiburcio, os vultos politicos cearenses do Imperio; terra de Thomaz Pompeo e Capistrano; os *jangu-detros* — campeões da abolição do captivo negro...

Extendamos a vista para CUYABA', na vastissima amplidão de Matto Grosso — Estado de que é a Capital — disputando com Corumbá, Campo Grande e Três-Lagôas o "cinturão de ouro" de *Urbs* principal, entre as cidades do nosso extremo *Far-West*; olhemos para o dilatado ambito da região dos pantanaes e da Lagôa Xarayés até á Rondônia e á Xingutânia; e logo concurrentemente nos acodem á memoria a "Retirada da Laguna", de que o Visconde de Taunay foi o nosso Xenophonte, e as figuras do Barão de Melgaço, do heroico Antonio João e do coronel Porto-Carrero, com a sua épica resistencia do Forte de Coimbra; as correrias dos indios Cayapós, Payaguás, e Guaycuru's; os Bororós e a catechese dos Salesianos; os Murtinhos, Dom Aquino, o General Rondon e o Senador Azeredo; os garimpos do Coxipó e de Garças, as mattas da Poáia, a Bodoquêna, o Jupiaá; a Estrada Madeira-Mamoré, o gado *Tucúra* e os boladeiros cuyabanos, com o seu vistoso *chiripá* de usança herdada de paraguayos e corrientinos.

Agora é a vez do pequenino e opulento ESPIRITO SANTO: e logo acodem á nossa lembrança os *capichabas*, a sorte inditosa do primeiro donatario (Vasco Coutinho), o outeiro monastérial da Penha, a insular e modernizada Victoria, a caudal do Rio Doce, o Porto das Argollas, Collatina e Páu-Gigante; a bravura de Maria Ortiz, a morte de Anchieta, em Rerigtiba; a baunilha, as orchidéas, as madeiras de lei e tantas plantas preciosas; o gentio Goitacaz, os Tupiminós e os ferózes Botocudos; o aromatico café "Capitania"; o destemeroso Domingos Martins, o arcebispo Dom Helvecio, os Monteiros, os Calmons, os Póvoas, Braz Rubim, Silva Pontes, Tovar, Muniz Freire, Affonso Claudio...

Vamos dar um pulo até GOYAZ — com a sua nascente e hodierna metrópole (Goyania) — e o grande Estado Central promptamente nos traz á recordação: o astuto *Anhanguéra*, as Minas dos Araés e a Serra dos Martyrios; as explorações do ouro e as bandeiras, o Paranyha e o Canal de São Simão, a possante Cachoeira e a bella Serra (ambas "Douradas"); as "boiadas-curradeiras" e as pastagens do *Jaraguá*, o fumo e o incomparavel cigarro goyanos; o Marechal Xavier Curado e Silveira da Motta; os Bulhões, os Jardins, os Fleurys e os Calados; a arvore do papel e os coqueirões; o Vão-do-Paraná, e Formosa (Missão Cruis), no Planalto Central; o trigo do

Norte goyano (Chapada dos Veadeiros), os crystaes e os garimpos; as multiplicadas rodovias sertanejas; a caudal e as conchas perlíferas do Araguaya, e os diamantes de Garças; Jatahy, Meia-Ponte e o sertão do Duro; a preciosa "Informação goyana" de Henrique Silva, bem como os *Annaes* do Conego Luiz Antonio e as descrições que, no Parlamento Brasileiro, fazia de seo amado torrão goyano o velho Olegario Pinto...

Eis-nos deslumbrados pela GUANABARA — a bahia e a "cidade maravilhosa", jóias inestimáveis da Natureza tão pródiga em favores ao Brasil; e a Sebastianópolis de prompto nos evocará a esperta garôta-carioca e a "gente do morro", os *sambas* e o Carnaval incomparavel; o Corcovado e o monumento do Christo-Redemptor; o Flamengo, Botafogo, Urca, o Leme; Copacabana, Ipanêma e Tijuca; Paquetá e a "Moreninha"; Estacio e Salvador de Sá; o môrro Cara-de-Cão e o antigo "Castello"; Villegaignon e os Francezes; a Côte Joannina, a rainha Carlota, o fogoso Pedro I; o "Fico" e as "Garrafadas"; o periodo regencial, a bondade e rectidão de Pedro II, a Quinta de São Christovam, o antigo Paço Imperial, as agitações politicas; as praias, balnearios e Casinos; o tempo dos Vice-Reis (nas chronicas de Luiz Edmundo); a festa perenne da terra carioca, liberta das viéllas e cortiços, da sujeira e da rotina, das epidemias e da falta de hygiene, pela energia conjugada de Passos, Oswaldo Cruz e Frontin; os "cariocas" e seos maximos representantes na prosa, na poesia, no jornalismo: (Manoel de Almeida, Machado de Assis, Bilac e Ferreira de Araujo); motins e quarteladas; os levantes de mercenarios e a revolta naval; os Mosteiros de São Bento e Santo Antonio; a rua do Ouvidor, o Largo do Rocio, o Canal-do-Mangue, o Cães Pharoux e a Praça-Mauá; o Circuito da Gavea, o Parque da Acclamação, o Jardim Botânico; o obelisco e a Cinelandia; o encanto e seducção da guanabareense; a Favella, o Salgueiro, a malandragem; as tradições do Rio; o toque do Araguão e os "bilontras" e *capoeiras*; a orgia de luz, em terra, no mar e no céu; a Serra dos Orgãos, o Juá, as furnas e cascatas da Tijuca, o aqueducto dos Arcos, Santa Thereza; o Caes do porto movimentadissimo; o ruído ensurdecador da Avenida Central; os pregoeiros do "amendoim torrão"; a terra da mais barata viação do mundo...

Subamos para o Nordeste, na sua transição para o Brasil Septentrional amazonico e vamos apreciar o MARANHÃO: e temos logo em espirito a "Athenas do Norte", com seos grammaticos, poetas, escriptores e sabios, desde Lisboa, Soléro, Odorico e Teixeira Mendes até os irmãos Aluizio e Arthur de Azevedo, Raymundo Corrêa e Humber-

to de Campos, de permelo ás figuras pinaculares de Gonçalves Dias e Coelho Netto; os vultos de Candido Mendes e Franco de Sá; e vêm ainda de roldão o Anil e a Bacanga, o arrôz de *cuchá* e o mólho-pardo de *Jaboty*, as compótas de *bacury* e do *cupuassú*; os Francezes de La Ravardiére e a ilha de São Luiz; a velha Caxias, o Grajahu', o Itapicuru'; os bugres Tocantinos, a riqueza dos cocaes, as "trezidélas," e a Balalada; "minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá" e o *Y-Juca-Pitama*...

Mais para o Norte, no estuario amzonico, está MARAJÓ', a vasta e insular JOANNES, com sua archeologia indigena, os ceramios de Pacoval, os artefactos marajoáras, de estylo proprio, creando uma arte nacional typica, e nos recordando *Aruãns* e *Nheéngalbas*; as manadas de gado, os têsos e o vento "ponteiro" da ilha; as pesquisas paleontologicas do mineiro Ferreira Penna, os "carros-canôas", a caça aos Jacarés, o linguaçar ilhéu (com as annotações de Chermont); o marujo insulano, os "furos" de Breves, as bôcas do "riomar", com a arrebenção periodica das *pororócas*...

Aportemos ao PARA' — na seriação alphabetica deste cosmorama de imagens e perspectivas brasileiras: — é o *assahy* que prende vindiços e hóspedes no solo paráense; são os Cabãos, as luctas de Malcher e Vinagre, a Tapajonia, a Mundurucânia; as "vigilengas", os castanhaes, a *piassava*, a borracha; o casquinho de *mussuã* e mais os picantes *arubé* e *lucupy*, e o fino pescado do tucunaré; o Pará é o inclyto Dom Romualdo de Seixas e a intrepidez apostolica do Bispo Macedo Costa; é a *pororóca* do estuario amazonico; a dóca de "Vêr-o-pêso"; o santo cirio de Nasareth; a arrojada tentativa colonisadora da Fordlandia, em andamento; a chuva quasi que diaria e chronometricamente marcada; o theatro da Paz, a época do dominio de Antonio Lemos, a imprensa com a "Provincia do Pará"; o Museu Paraense, onde se accumulou o saber de Goëldi; e ainda a terra que foi o berço de Souza Franco, de Leitão da Cunha, de Gama Abreu, de Inglez de Sousa, do general Gurjão, de José Verissimo, de Aarão Reis e Manoel Barata...

Els agora a pequenina e heroica PARAHYBA — berço de André Vidal, de Silveira Lobo e de João Pessoa; com o seo algodão ("ouro branco" Nordeste), a *cabrada* dos engenhos, a "Bagaceira" (José Americo) e "Princeza" (reducto da negra rebeldia de José Pereira); o Cabedello e Cariry; o agréste, o arisco, e a zona brejeira; Campina Grande, Arêla e o Bréjo das Freiras; a açudagem e as rodovias tornando fertil e habitavel grande área dos trechos mais asperos daquelles sertões de fôgo, onde o povo é bravo e laborioso, orgulhando-se a

gente parahybana do seo conterraneo Padre Francisco de Azevêdo, genial inventor da "machina de escrever".

Sigamos a ordem alphabetica, nesta visão panorâmica brasileira, e, dando um salto na Costa para o Sul, até ao Brasil meridional, vejamos o PARANA' — o Estado privilegiado pelo clima temperado, com sua industria hervateira, os pinhaes nativos, a cruza brasileiro com latinos, germanicos e slavos; suas colonias e campos geraes; a formosa Curityba — sua Capital e que é o "retrato vivo" de Bello Horizonte —; os bugres *Calngangs* e os "paranistas" curytibanos; o Iguassu' e a notavel rodovia "Graciosa"; os diamantes do Tibagy e as barricas de maté; os artefactos de pinho, os pianos e os mobiliarios de imbuya; terra que foi o berço do Barão do Serro-Azul, dos Conselheiros Carrão e Corrêa, do historiador Rocha Pombo, dos poetas Dias da Rocha e Emilio de Menezes; recordando-nos ainda esse Estado Sulino a decantada Guahyra, o cerco da Lapa, o sacrificio do General Gomes Carneiro, o "Monge" de Castro; as guerrilhas de fanaticos do antigo Contestado; a fronteira legendaria de Itararé; as araucárias altivas e a "chaminé" do Pico de Marumby; as cidades de Paranaguá, Antonina, Ponta Gróssa, Jacarézinho e Guarapuava; o Chapécó e a Fóz-do-Iguassú.

Retornando ao Norte, eis PERNAMBUCO — agora, e ainda com o orgulho e o esplendor da sua fidalguia colonial dos "senhores de engenho"; o modernizado Recife — a "Mauricéa" dos bátavos ou "Venezuela brasileira" — e a archaica Olinda, cheia de monumentos coloniaes, na ponta do isthmo; as invasões e guerras hollandezas, Guarapes, Mauricio de Nassau; os Mascates, Bernardo de Mello, os fortes do Brum e das Cinco-Pontas; o Beberibe e os bairros citadinos (Bôa Vista, Caxangá e Santo Antonio); a Ilha de Itamaracá, com suas famosas mangas e coqueiraes; as "cadeirinhas" e "maxambómbas", os solares e conventos, os "terreiros" e *bangués*; os alvorôtos do "Leão do Norte", com a intrepidez da sua gente; as Revoluções de 1817 e 1824; os Praieiros de 1848; a intrepidez apostolica de Dom Vital; a Faculdade de Direito, juristas, philosophos, e homens de letras; os estudistas de escol, os oradores e publicistas famosos, e os chefes revolucionarios (os Paes Barretos, os Albuquerque, os Cavalcantis, os Rego Barros; Natividade Saldanha, Nunes Machado, Frei Caneca e o "Leão Coroado"; Arruda Camara, Paes de Andrade, Saldanha Marinho, Lopes Gama, Maciel Monteiro; José Mariano, Oliveira Lima, Joaquim Nabuco, João Alfredo, Martins Junior, Barbosa Lima); a canção da "Vassourinha", a producção do assucar, a "buxada", a goiabada de

Pesqueira; os *maracatús* e "frêvos", que fazem a alegria do povo pernambucano, esse "gaúcho-nortista", pelo genio altanado e aguerrido.

Entre o Nordeste e o Norte, aparece-nos o PIAUHY — territorio quasi central e afunilado para a costa, em sacco "amarrado" no delta parnahybano; a terra do "meu-boi-morreu", com a sua "Chapada do Corisco", onde outrora um Presidente decidido (Saraiva) levantou da noite para o dia abarracamentos para a séde da nova Capital — Therezina, abandonando a vetusta séde official de Oeiras; com os seus gados e *mançobas*, e tão rica em *babassú* quanto o visinho territorio maranhense; berço do venerando Marquês de Paranguá, do Senador Furtado, do general Thaumaturgo; de Anísio de Abreu, de Abdias Neves, de Felix Pacheco, e do Marechal Pífer, o bondoso Pires Ferreira, amigo de "paisanos", figura tradicional do velho Senado Republicano...

Passemos a nos defrontar com PIRATININGA—a nobre e opulenta terra paulistana, que veio evoluindo da era vicentina aos tempos de hoje, tendo sido convertida pela energia de seu povo a primitiva Aldeia do Collegio de Nóbrega e Anchieta em uma das grandes metropoles sul-americanas, a riquissima cidade-padrão do grande Estado de São Paulo; com a sua fulgurante Academia de Direito no velho convento de São Francisco; com o seu furacão-Martinelli, o seu Museu do Ipiranga, o seu Instituto de Butantan; a monumental estação ferroviaria da Luz e outras provas reaes da sua formidável potencia mental e industrial, no seu aspecto europeizado e destoante da "paisagem sentimental" do resto do Brasil; e é São Paulo, que vem dilatando rumos e dilatando horizontes á Patria commum, desde as "bandeiras" com Antonio Raposo e Fernão Dias, até hoje com os pioneiros do café, das ferrovias, da colonisação, da instrução publica, da cultura da terra, da propaganda abolicionista e republicana; exhibindo os paulistas uma galeria de expoentes de renovação politica e economica brasileira, da envergadura dos Vergueiros, Prados, Belins, Bicudos, Lemes, Penteados, Cintras, Mellos Pizas, Souzas-Queiroz; de Luiz Barreto e Conde do Pinhal, de Rangel Pestana e Americo Brasiliense, de Glycerio e Julio de Mesquita, de Prudente e Campos Salles, de Rodrigues Alves e Bernardino de Campos, de Cesario Motta e Carlos Botelho, de Antonio Prado e Pedro de Toledo, Barão Homem de Mello, João Mendes e Brasílio Machado; e com a Paulicéa lá vem a evocação dos vultos de Libero Badaró, Feljó, a Marquiza de Santos; a "Bernarda" de Francisco Ignacio e o supplicio do Chaguinhas; os Andradas, com o Patriarcha á frente, e as tradições santistas e campineiras; as fazendas de café, a "terra rôxa", os "grilleiros", os *caiegaras*, e biribas; as Dócas de Santos, São Vicente, Guarujá, Itaipús; o Votorantim e So-

rocaba, o Ypanema, as minas de Araçoyaba, Taubaté; o grito e o monumento do Ypiranga; Antonio Bento, a campanha abolicionista, o Jabaquara, o Cubatão; Porto-Feliz e as "monções", Tieté abaixo, com as telas de Almeida Junior e Benedicto Calixto; a musa de Alvares de Azevedo, do Barão de Paranapiacaba, de Cepellos e de Vicente de Carvalho; o colono italiano, Juó Bananére e o *jéca-tatú* de Monteiro Lobato; a ironia do derradeiro Martim Francisco e o espirito admiravel de Eduardo Prado; e, esbatidas nos longes da lenda colonial, figuras como a de João Ramalho, padre Anchieta, Bartyra, Tibiriçá, Braz Cubas, Frei Vicente, Amador Bueno, Mathias Ayres, Pedro Taquez, Bórba Gato, Alerandre de Gusmão e seu mano, o Padre-Voador; a gente mameluca e os "caçadores de índios"; a legião dos sertanistas e dos fazendeiros, com os "reis do café" (Schmidt, Dumont, Lunardelli), sem esquecer a geração forte dos constructores da Mogyana, da Paulista, da Sorocabana e da Araraquara; a aristocracia papalina (condes Alvares Penteados e de Lara) e os miliardarios italo-paulistas (os Matarazzo e os Crespi); o luxo da Avenida Paulista e as arterias movimentadissimas do "Triangulo", no centro urbano da Paulicéa; o Braz, pedaço da Italia encravado em aguas tiétéenses; a Ladeira do Porto-Geral, o Piques, a Cruz do Chaguinhas, a Penha, Tucuruvy, a Ponte Grande, Pacaembú...

Vejamos a POTYGUARANIA— o Rio Grande do Nordeste brasileiro, berço de grandes filhos (Frei Miguelinho, Britto Guerra, Torres Homem, Pedro Velho, Amaro Cavalcanti, Augusto Severo); a "terra do gerimú'm", nos evocando as salinas de Mossoró, Assu' e Macáu, na branca paisagem costeira, por entre dunas e coqueiras; o queijo do Seridó, os algodões, as "vaquejadas" e o valle rico do Ceará-Mirim; terra do casal guerreiro indigena, o bravo Camarão e a destemida Clara; e com tantos lances de heroísmos historicos, como a tragedia de Cunhaú, luctas com flamengos, até que em dias de recentes cisânias politicas se vio a Capital banhada pelo Potengy envolvida num quasi "Natal Communista", de brevissima duração, mercê dos fados providenciaes que até agora têm resguardado o Brasil das funestas consequencias desses pesadelos e accessos de loucura social extremista, importada de exóticas paragens moscovitas...

Eis agora, na fronteira sulina da Patria, lidando com terras platenses, o RIO-GRANDE meridional— com a sua culta metropole ás margens do Guahyba; o bravo territorio *gaúcho*, das "califórnicas" e "entrevêros", com as suas *cochilas* e estancias, suas xarqueadas e cantinas vinhateiras, seus seleccionados rebanhos bovinos e de ovelhas; mandando para dentro e fóra do paiz, através de uma precaria nave-

gação fluvial pelo funil extremo da Lagôa dos Patos (no híbrido porto lacustre-oceânico da cidade de "Rio-Grande") suas lãs, trigos, cereaes, xarque, vinhos, fructas, conservas alimenticias, couros e artigos variados de uma apurada industria, até em labores de metaes (em Caixias); o Rio-Grande de São Pedro do Sul, Capitania que faz vir á luz a obra-branca o Territorio das Missões com o poema famoso—"Uruguay"—do mineiro José Basilio da Gama; a ephemera Republica de Piratininga, a epopéa Farroupilha, e os grandes caudilhos e chefes militares: Canabarro, Barão de Jacuhy, os dous Bentos (Bento Gonçalves e Bento Manoel); grandes vultos políticos, como o republico tejuano Domingos de Almeida, o mathematico Candido Baptista, os Viscondes do Rio Grande e de São Leopoldo; os bravos generaes do Imperio, como Andrade Neves, Osorio (Marquez do Herval), os Mennas Barreto, Visconde de Pelotas, Conde de Porto Alegre, Barão do Cerro-Largo, Marechaes Barreto, Machado Bittencourt, Bormann, Cantuaria e Pereira Pinto; a cultura artistica do Barão de Santo-Angelo e o saber juridico do Conselheiro Ferreira Vianna; as façanhas de Chico-Pedro, a guerra federalista, os Saraivas, a tragedia de Saldanha, em Aceguá, as luctas civis entre castilhistas e *maragatos*; a eloquencia altaneira de Silveira Martins; as personalidades de forte projecção nacional que foram Castilhos, os Conselheiros Diana e Maciel, Ramiro Barcellos, Moacyr, e o general Pinheiro Machado; o linguajar luso-hespanholado de gaúchos; as *xinas* e os *xiru's*, o *chimarrão*, o *churrasco*, as corridas de *canchas*, os bailes campestres e dansas regionaes da peonada dos "pagos", sob a vergasta do *pampetro* ou do *minuano*; as tradições *charruánas* e *guaranys*, na região missioneira dos Sete-Póvos das bôrdas do divisor uruguayo; a linda terra gaúcha, enfim, que apresenta, felizmente, ainda vivas, as tres venerandas personalidades brasileiras de Borges de Medeiros, de Assis Brasil e de Ramiz Galvão.

Convisinha do Rio Grande do Sul, ao subir a costa, está SANTA CATHARINA—a terra que na alcunha—"barriga verde"—recorda o seo imperial Regimento militar dos Periquitos; e nella se vê um bello litoral Atlantico todo recortado de portos e enseadas, com a séde do Governo em Florianopolis (antiga Desterro, e terceira das capitães insulares de Estados brasileiros, depois de São Luiz e Victoria); apresentando-nos ainda Laguna, berço de Annita Garibaldi, "heroína dos dous Mundos"; a forte raça teuto-brasileira, em Blumenau e Joinville, cidades modelares em conforto e organização; todo o orgulho catharinense nos seus filhos illustres: Mafra, Lauro Muller, Taunay, Schmidt; Luiz Delphino, Victor Meirelles, Cruz e Souza; os Konder, os Ramos, os Boiteux; Hercilio Luz (cujo nome foi dado á notavel

Ponte Pensil que liga a sua Capital insular ao continente); as suas jazidas hulheiras, o carvão de Imbituva, e sua industria de tapetes, moveis, tecidos e conservas alimenticias; a sua admiravel zona colonial, com predominancia de elementos allemães, mas tambem com Italianos e slavos; a sua fortaleza de Anhatómirim, cheia de tragicas recordações da guerra fratricida de 1893; a immolação de Batovy e Lorena, martyres desse tempo de odios politicos; as lendas piedosas da vida do Irmão Joaquim; as terriveis caçadas humanas dos "bugreiros" da Serra Geral...

Voltando para o Norte, na serie alphabetica, eis o exiguo e brasileirissimo SERGIPE—lão minuscuro em territorio quanto é grande no talento e cópia de filhos, que tem fornecido ao Brasil: Tobias, Sylvio, Calazans, Fausto Cardoso e João Ribeiro, formando brilhante synthese de sergypanos illustres; e, nos seus cajuas praianos, na sua lavourea assucareira, no delicado typo de suas mulheres, na industria algodoeira, nos extensos cannaviaes, nas aguas do Baixo-São Francisco (Villa Nova e Propriá), na mestiçagem de *corumbas* e *curibócas*—accentuando-se no typo sergipano os mesmos traços physionomicos de "similhança nipponica" que no Brasil já possui o cearense—offerece ainda a terra do Serigy e do Vasa-Barris a particularidade interessante de quasi não possuir mescela de sangue alienigena, nem presença de elementos estrangeiros em seo territorio e na sua capital—Aracaju', ás margens do Cotinguiba — onde habita um povo sobrio e cheio de fortes reservas economicas, amealhadas em labor constante, nessa velha provincia do "Sergipe d'El-Rey".

Olhemos, por fim, a TERRA FLUMINENSE, o Estado do Rio de Janeiro, com a sua Capital — Nictheroy — escondida no fundo das aguas da Guanabara e edificada na Praia Grande, fronteira á Metropole soberana do Brasil; é a terra de Paulino e Quintino, viveiro de notaveis estadistas do Imperio, no Primeiro e Segundo Reinados (os Viscondes de Sepetiba, Magé, Uruguay, Itaborahy, Macahé e Tocantins); o valle agrario e pastoril do Parahyba-do-Sul (o "rio da escravidão" e da indiada selvagem, inspirador de Carlos Gomes e Alencar, no *Schiavo* e no *Guarany*); com as suas cidades serranas de veraneio, Petrópolis, Nova-Friburgo, Therezópolis; os seus picos e macissos famosos do Dedo-de-Dêos, do Frade, da Serra-da-Estrella, da Serra-do-Mar, da Serra-dos-Orgãos, cordilheiras rasgadas pela engenharia brasileira (Christiano Ottoni á frente) para a penetração das primeiras ferrovias nacionaes em direcção ao centro do paiz; a sua zona salineira de Cabo-Frio e Araruama, suas lagôas e pescados, sua variedade de producção, nos campos de pastoreio e nas terras de cultura; vergéis e poma-

res (laranjas de Nova-Iguassu', abacaxis de São-Gonçalo, mangas e fructas tropicaes variadissimas pela região da Baixada afóra); o assucar da região Campista e de Quissamã, os robálos da Lagôa-Feia, a goiabada de Campos — terra de Patrocínio e de Nilo, cidade-rainha no vargêdo *gottacé* do Baixo-Parahyba; seos cravos e flôres olentes, seos poetas e romancistas, desde o meigo Casimiro e Gonçalves de Magalhães nos Macedos (o romancista e o musicista); os velhos burgos fidalgos de Itaborahy, Campos, Macahé, Cantagallo, Vassouras, Valença, Magé, Rezende, Friburgo, Barra Mansa, Parahyba-do-Sul, cidades cheias de solares e brazões da nobreza monarchica; a ufanía de ter sido berço de Caxias, unico duque e condestavel do Imperio, e de Benjamin Constant, patriarcha da Republica; de Silva Jardim, vulcão de eloquência, tragado pelo Vesuvio; de Andrade Figueira, parlamentar invulneravel; de Miguel Couto, medico apostolico, e de Calogeras, formoso espirito; de Saldanha, o almirante sem par, da linhagem dos Assécas e Sás e Benevides, senhores das terras campistas; e com toda uma floração de legendas e paizagens, de feitos e vultos inesqueciveis, essa "velha provincia dos Saquarêmas", onde se abriu o nosso primeiro caminho de ferro (Estrada Mauá), ainda nos exhibe: a bella praia de Icarahy, a Pedra da Itapuca, o Sacco de São Francisco e os campos alpinos dos contrafortes do Itatiáya; a ilha das Flores, a Jurujuba e o recanto tyrolez de Corrêias; a incomparavel rodovia Rio-Petropolis e o porto amplissimo de Angra dos Reis (com as suas incalculaveis perspectivas economicas, e servindo de escoadouro das riquezas do Brasil Central); os combates da Armação; o éstro de Fagundes Varella, o verbo de Lopes Tróvão, a musa de Alberto de Oliveira e de Luiz Murat, o estylo flamante de Euclides; a legendaria figura de Ararigyboia, ou os vultos militares dos Lima e Silva (estirpe de generaes fidalgos); os perfis dos seos homens de Estado, a inspiração dramatica de João Caetano, a arte de Parreiras, a critica mordaz de Grieco: eis ahi os expoentes bem marcantes que resumem e assignalam as caracteristicas e o nome do torrão fluminense, eixo firme sobre o qual se apoiou — com mineiros, paulistas, bahianos e pernambucanos — a politica geral do Segundo Reinado, no Brasil — Imperio.

NOTA: — Foi elaborada em Bello Horizonte, de Maio a Junho de 1930, esta synthese do Brasil, pelo Prof. NELSON DE SENNA (Cathedratico da Universidade de Minas Geraes, socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e antigo professor de Historia e Geographia do Gymnasio Mineiro, estabelecimento official do Estado).



EX-LIBRIS  
 DO  
 DR. NELSON COELHO DE SENNA.

«De varios livros, pergaminhos e papeis ajuntel algumas cousas antigas, que estavam já postas de parte, conjecturando que, ordenadas e vestidas de novas côres, podiam tornar á praça, e não parecer mal, como arvores de outono com seo renôvo»

G. ESTAÇÃO (Prologo dos *Varões Antigos*, cit. por Alexandre Herculano, no prefacio do *Monje de Cister*).